

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *MEMORIAL DO CONVENTO* E *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*: ENSAIO SOBRE A VISÃO

Shirley de Souza Gomes Carreira

Resumo: O tema da visão é recorrente na obra de José Saramago e está em evidência em obras como Memorial do convento e Ensaio sobre a cegueira. Este trabalho propõe uma análise da representação da mulher nos romances em questão e da medida em que as personagens femininas constituem veículo não só para o simbolismo da visão, como também para a concretização, no âmbito da diegese, do olhar crítico do narrador, quer este se coloque como aquele que "vê por dentro" da estória/história oficial ou como espectador do caos.

Palavras-chave: visão; mulher; História.

Ao questionar a noção de subjetividade que esteve atrelada a um modelo hegemônico masculino, a literatura contemporânea dá continuidade a um processo iniciado com o movimento feminista, que tem possibilitado à mulher libertar-se da afasia cultural a que esteve submetida ao longo dos séculos.

Se a literatura de autoria feminina procura afirmar a sua identidade por meio da diferença e da especificidade, liberando um imaginário acumulado nas sombras e no silêncio, não há como ignorar o fato de que a escrita masculina também tem revelado traços dessa mudança.

Este trabalho propõe uma análise da representação da mulher em

Memorial do convento e Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, buscando estabelecer uma conexão entre o simbolismo da visão e as personagens femininas, bem como demonstrar o modo pelo qual essas personagens colaboram para a concretização do olhar crítico do narrador.

O percurso da mulher na obra de Saramago tem revelado os processos de uma lenta conquista, que possibilitou a eclosão de uma voz, por tanto tempo silenciada, que reivindica para si a posição de produtora de sentido. O seu papel não se limita ao universo diegético elaborado pelo autor, ultrapassando os limites da ficção e inserindo-se em um projeto muito mais amplo, que visa conceder voz às minorias.

Em *Memorial do convento*, o olhar que Saramago lança à história é metonimicamente concretizado em Blimunda. A “mulher de olhos excessivos” é detentora de um olhar especial, embora natural, pois “vê o que a pele esconde”. O narrador contemporâneo que o autor inscreve na estória, com olhos igualmente naturais, é capaz de ver o que a história oficial não registra.

O romance revela um discurso de alteridade, em que o narrador cede a voz às personagens, muito embora o dialogismo esteja camuflado na simulada unidade e continuidade do parágrafo. Ao abdicar de concentrar em si a força do discurso, graças ao descentramento, o narrador assume, no entanto, a tarefa de administrar o seu fluxo. E não são poucas as vezes em que convida o leitor a acompanhá-lo pela narrativa, mencionando a vidência da personagem: “Aonde Baltasar não pode ir nem entram os olhos que tem, mas conhecendo nós as artes de Blimunda, imaginemos que ela aqui está” (SARAMAGO, 1982, p. 75).

A vidência de Blimunda é efetivamente uma denúncia da repressão social que perpassa as duas estórias que se entrelaçam em *Memorial do convento*: a da construção do convento de Mafra, revisitada por um escritor de formação marxista, que lança ao passado o olhar crítico do homem do século XX, e a da fabricação de uma máquina de voar. Ambas articulam-se por meio de um discurso que se propõe a dar aos anônimos voz na história de Portugal.

Em Blimunda, sob a égide do seu olhar, estão contidas as transgressões que o romance promove: a transgressão dos códigos religiosos e morais, do poder institucionalizado e do discurso.

O século XVIII, historicamente posterior ao advento da Contra-Reforma, revela uma sociedade reprimida pelas normas de um código moral ditado pela Igreja e pelo Estado. É nesse contexto que o romance instaura a repressão e a transgressão através de seus pares mais representativos: o rei e a rainha, Baltasar e Blimunda.

O casal real relaciona-se segundo o modelo moral – o dever do cio para a procriação. Ao utilizar o verbo “emprenhar” para referir-se à impossibilidade de a rainha engravidar, o narrador explicita a natureza dessa relação. É ele que dá ciência ao leitor de que o rei cumpre rigorosamente duas vezes por semana o seu dever conjugal, cabendo a D. Maria Ana, a quem compete o peso de ser virtuosa, sufocar os sonhos eróticos que tem com o cunhado, aceitando submissamente o papel de “cântaro à espera da fonte”.

O narrador, como de hábito, instaura primeiro o cânone, para depois subvertê-lo. Se é com ironia que ele trata o casal real, é com extrema seriedade que se refere ao relacionamento entre Baltasar e Blimunda. A “cristianíssima retenção moral”, que concede líquidos escassos à rainha, dá ênfase à passividade da mulher na relação sexual e configura um microcosmo de todas as demais relações sociais, políticas e culturais. Ao casal plebeu, no entanto, e talvez por já estar mesmo à margem da sociedade, nada é negado, nem o prazer da visão dos corpos nus, nem o êxtase ou a paixão.

O par Baltasar-Blimunda foge aos padrões da época e aos códigos sociais, tornando-se um exemplo de transgressão. Sua relação, posto que ilícita, é instituída por meio de uma colher compartilhada e confere a ambos uma

identidade cósmica que, contrariando as leis do universo, se resume na união harmônica de sóis e luas.

A vidência de Blimunda, que faz com que ela reconheça de imediato em Baltasar o homem com quem compartilhará uma história de vida, tem ainda papel preponderante em um outro tipo de transgressão: a dos códigos da ficção e do discurso.

Em *Memorial do convento*, Saramago opõe o “olhar” ao “ver” e esclarece essa oposição através da ação de Blimunda. No dia em que esta sai com Baltasar, a fim de provar-lhe a sua capacidade de ver o que os outros não vêem, assim relata o narrador:

Não dormiu ele, ela não dormiu. Amanheceu e não se levantaram, Baltasar apenas para comer uns torresmos e beber um púcaro de vinho, mas depois tornou a deitar-se, Blimunda quieta, de olhos fechados, alargando o tempo de jejum para se lhe aguçarem as lancetas dos olhos, estiletos finíssimos quando enfim saírem para a luz do sol, porque este é o dia de ver não o de olhar, que esse pouco é o que fazem os que, olhos tendo, são outra qualidade de cegos (SARAMAGO, 1987, p. 70).

Esta passagem, de certa forma, antecipa a epígrafe de *Ensaio sobre a cegueira*: “Se podes olhar, vê. Se podes ver repara.”

Blimunda tem a função primordial de porta-voz do narrador, e, por que não dizer, do autor empírico. É através dela que ele exterioriza a sua descrença dos santos, a sua descrença do pecado, por ver nele um mecanismo de repressão, e a sua crença no resgate pela palavra:

Devem ser infelizes os santos, assim como os fizeram, assim ficam, se isto é a santida-

de, que será a condenação, São apenas estátuas, Do que eu gostava era vê-las descer daquelas pedras e ser gente como nós (...) Sempre ouvi dizer que os santos são necessários à nossa salvação, Eles não se salvaram (...) É pecado pensar assim, O pecado não existe, só há morte e vida, A vida está antes da morte, Enganas-te, Baltasar, a morte vem antes da vida, morreu quem fomos, nasce quem somos, por isso é que não morreremos de vez, E quando vamos para debaixo da terra, e quando Francisco Marques fica esmagado, não será isso morte sem recurso, Se estamos falando dele, nasce Francisco Marques, Mas ele não sabe, Tal como nós não sabemos bastante quem somos, e, apesar disso, estamos vivos, Blimunda, onde foi que aprendeste essas coisas, Estive de olhos abertos na barriga da minha mãe, de lá via tudo (SARAMAGO, 1982, p. 289).

O propalado ateísmo de Saramago – que se diz agnóstico e não ateu – está presente em todos os seus romances, mas torna-se imprescindível tecer um paralelo entre Blimunda e a mulher do médico, de *Ensaio sobre a cegueira*, pois ambas participam de modo contundente da desconstrução do discurso religioso.

Ensaio sobre a cegueira constitui uma distopia na qual a protagonista constrói a sua identidade dentro do caos a partir da supressão das antigas convenções sociais. Inexplicavelmente poupada em meio a uma epidemia de cegueira, torna-se a líder natural de um grupo de pessoas vitimadas pela tragédia que assola toda a população de uma área não-discriminada, que certamente tipifica toda a humanidade.

Identificada pela relação de parentesco, é ela que ergue a voz contra as muitas formas de opressão que se instalam no local onde os cegos estão confinados. Seus sentimentos, seus valores são postos à prova quando ela

mata o líder de um outro grupo de cegos, que exigia favores sexuais das mulheres em troca de comida. Vendo-se deslocar da simbologia da desordem para o papel de baluarte da ordem e da resistência, a mulher do médico reconhece o seu papel, a responsabilidade de ter olhos em um mundo de cegos. É a própria personagem que admite ser aquela “que nasceu para ver o horror”.

Mais uma vez a personagem feminina é convocada a ser mediadora entre o mundo da ficção e a ideologia do autor. Se o narrador age como um espectador do caos, a mulher do médico está imersa nele e é do mundo intradieético que eclode a sua voz, trazendo à baila estruturas essencialistas, que opõem, como no mito da caverna, a aparência e as coisas.

Em uma passagem, o velho da venda preta pergunta à mulher do médico como está o mundo, e ela lhe responde:

Não há diferença entre o fora e o dentro, entre o lá e o cá, entre os poucos e os muitos, entre o que vivemos e o que teremos de viver, E as pessoas, como vão, perguntou a rapariga de óculos escuros, Vão como fantasmas, ser fantasma deve ser isto, Ter a certeza de que a vida existe, porque os quatro sentidos o dizem, e não a poder ver (SARAMAGO, 1995, p. 233).

Saramago revigora a oposição entre os “verdadeiros sentimentos” e as “enganosas aparências” que iludem “os cegos que não querem ver”, concretizando o ditado “o que os olhos não vêem o coração não sente”.

A perda da memória visual, das convenções que norteavam as relações humanas antes da cegueira, forja uma

nova possibilidade de amor, surgida em meio ao horror e à falta dos laços familiares. Os laços de sangue são assim substituídos por outros laços, construídos solidariamente, na tentativa de minimizar uma dor comum.

A cegueira coletiva impõe a todos uma revisão de tudo o que é instituído, bem como a revisão da própria história, dos próprios valores e crenças. O caos que traz à sociedade, provocando um retorno à barbárie, colabora para o desmoronar das instituições públicas e privadas, das relações políticas e sociais, e para a exposição das relações de gênero. Quando todas as relações de poder são destruídas, a diferença entre os sexos permanece e é explorada pelos cegos opressores.

A luta pela sobrevivência é responsável por mais uma inversão de papéis: as mulheres assumem o papel de provedoras. A honra masculina é duplamente desafiada. Os cegos não só dependem de suas mulheres para sobreviver, como também têm de assistir passivamente aos abusos sexuais a que são submetidas. A liberdade vem pela mão da mulher do médico, que mata o líder dos cegos e, posteriormente, guia o grupo pelos labirintos da cidade.

A luta da mulher do médico para que os cegos da primeira camarata não se entreguem à barbárie não é uma apologia do passado, do mundo dito “civilizado” que conheciam, como pode parecer à primeira vista, mas o contraponto que há de evidenciar os sentimentos, as modulações de sentido que nortearão as relações entre os cegos a partir da quarentena – a longa jornada do aprendizado da visão.

Ensaio sobre a cegueira também expressa a descrença no discurso da civilização cristã, cuja concorrência para a cegueira em que o mundo está submerso é simbolicamente marcada pela venda que cobre os olhos das imagens na igreja. Assim como Blimunda, em *Memorial do convento*, descobre que não há na hóstia nada que não possa ser encontrado no próprio homem, a mulher do médico, ao deparar com as imagens de olhos vendados, sentencia: “[...] as imagens vêem com os olhos que as vêem” (SARAMAGO, 1995, p. 302).

Os sinais da mudança se fazem sentir quando a mulher do médico, em conversa com a rapariga dos óculos escuros, afirma que os sentimentos com que tinham vivido até então decorriam do fato de que tinham olhos, pois sem eles, isto é, com a cegueira física, os sentimentos seriam diferentes.

Indubitavelmente, a alegoria da cegueira branca, aliada ao simbolismo

da visão, que permeia a obra de Saramago, veicula a ideologia do próprio autor, que mais de uma vez afirmou que não sabemos ver o mundo em que vivemos. Tornamo-nos cegos quando aceitamos o domínio do poder, quando a razão e o saber são utilizados para objetivos outros que não o bem-estar do homem, quando, por comodismo, ou medo, abrimos mão da nossa própria vontade e deixamos que as mentiras arditamente construídas tornem-se universais, fechando os nossos olhos para as múltiplas verdades que nos cercam.

Nos dois romances, é a mulher que tem a responsabilidade de ver, seja para revisar o passado com os olhos da contemporaneidade, seja para fazer-nos compreender a necessidade de instalar uma nova ordem. Ao ouvir a mulher, ao conceder-lhe o lugar da fala, Saramago permite que o desafio à hegemonia que deu origem ao embate entre os gêneros se dê no *locus* da sua construção, nos domínios da linguagem.

Abstract: Vision has been a recurrent theme in Saramago's works and it is in evidence in novels as Memorial do convento and Ensaio sobre a cegueira. This paper provides an analysis of both the woman's representation in those novels and the extent to which female characters take part in the construction of the symbolism of vision, as well as their role as an instrument to the realization of the narrator's critical view, whether he is the one who sees through the official History register or only an eyewitness of chaos.

Keywords: vision; woman; History.

Referências

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Memorial do convento*. São Paulo: Círculo do livro, 1982.